



Louvor ao Pai pelas bênçãos concedidas através de Cristo (Ef 1,3-14)

Praise to the Father for the blessings conceded through Christ (Eph 1,3-14)

*Aíla Luzia Pinheiro de Andrade**

UNICAP

*Ivoneide Viana de Queiroz***

PUC-PR

Recebido em: 30/05/2023. Aceito em: 12/06/2023.

Resumo: O hino de Ef 1,3-14 tem seu conteúdo retomado no restante da Carta aos Efésios. Isso exige uma leitura mais atenta do seu texto, à qual este artigo procurou desenvolver através da análise de suas características teológicas, considerando-as em três momentos: seus aspectos literários, o conteúdo do louvor dirigido ao Pai, e se contém uma cristologia. O objetivo do artigo é analisar a teologia desse hino introdutório à Carta aos Efésios, a partir de seus principais elementos literários, como termos e conceitos que se tornam mais bem compreendidos na língua grega na qual foi escrito. A metodologia utilizada foi a análise sincrônica, com o uso de uma edição crítica do Novo Testamento no idioma original, na forma como o texto de Ef 1,3-14 foi canonizado e chegou aos dias atuais. Os resultados alcançados mostram que o hino não pode ser definido como cristológico em sentido estrito, mas que se trata de uma berakah dirigida a Deus Pai por ter realizado seu plano salvífico, pré-existente à criação, através de Cristo, no qual a humanidade pode ter acesso a todo tipo de bênçãos espirituais.

* Doutora em Teologia (FAJE, Belo Horizonte, MG, 2008). Mestra em Teologia (FAJE, Belo Horizonte, MG, 2003). Graduada em Teologia (FAJE, Belo Horizonte, MG, 2000). Graduada em Filosofia (UECE, Fortaleza, CE, 1998). Professora no Programa de Pós-graduação em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Professora na graduação em Teologia na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN).

E-mail: aylanj@gmail.com.

** Doutoranda em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR, Curitiba, PR). Mestre em Teologia com concentração em Missiologia (Instituto Teológico São Paulo, ITESP, 2015). Missionária na Região Amazônica desde o ano de 2012.

E-mail: ivoneideq@hotmail.com.





Palavras-chave: *Berakah; doxologia; bênção espiritual; hino cristológico; propósito divino de salvação.*

Abstract: *The hymn of Eph 1,3-14 has its content resumed in the rest of the Letter to the Ephesians. This requires a more attentive reading of its text, which this article sought to develop through the analysis of its theological characteristics, considering them in three moments: their literary aspects, the content of the praise addressed to the Father, and whether it contains a Christology. The objective of the article is to analyze the theology of this introductory hymn to the Letter to the Ephesians, from its main literary elements, such as terms and concepts that become better understood in the Greek language in which it was written. The methodology used was the synchronic analysis, with the use of a critical edition of the New Testament in the original language, in the way in which the text of Eph 1,3-14 was canonized and reached the present day. The results achieved show that the hymn cannot be defined as Christological in the strict sense, but that it is a berakah addressed to God the Father for having accomplished his salvific plan, pre-existing to creation, through Christ, in which humanity can have access to all kinds of spiritual blessings.*

Keywords: *Berakah; doxology; spiritual blessing; christological hymn; God's purpose of salvation.*

Introdução

Hinos ou fragmentos de hinos são comuns em diversos livros do Novo Testamento. Eles foram estudados exaustivamente por Ralph Martin que os dividiu em três categorias: os cânticos lucanos, os hinos do Apocalipse e os demais hinos. A esta última categoria pertencem à maioria dos hinos e fragmentos de hinos no Novo Testamento, como é o caso de Ef 1,3-14. Esses hinos foram inseridos em seus contextos atuais não apenas por uma razão estética, mas estão intimamente relacionados à sequência de pensamento do contexto literário onde estão inseridos ou do texto como um todo.¹

No caso de Ef 1,3-14, isso é significativo, uma vez que seus elementos são retomados em várias passagens da carta. Além disso, muito provavelmente está relacionado com o rito batismal. O objetivo deste artigo, contudo não é discutir sua função no contexto da carta como um todo, mas apenas analisar algumas características teológicas, levando em conta que essa longa *berakah* é uma introdução incomum no epistolário do Novo Testamento, tornam-se, portanto, necessário examinar mais de perto sua função e teologia.²

¹ MARTIN, R. P. New Testament hymns: Background and development. *The Expository Times*, Vol. 94, n. 5, 1983, p. 132-136.

² SANDERS, J. T. Hymnic elements in Ephesians 1-3. *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft*, Vol. 56, n. 3-4, 1965, p. 226.



1 Aspectos literários do Hino de Ef 1,3-14

É muito comum no *corpus paulinum*³ as cartas terem uma ação de graças como introdução. Isto ocorre em Rm 1,8; 1Cor 1,4; Fl 1,3; 1Ts 1,2 e Fm 4. A Carta aos Efésios é a única no *corpus paulinum* na qual a ação de graças (1,15) vem depois de uma doxologia bem singular.

A frase doxológica “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”⁴ aparece também em 2Cor 1,3 e 1Pd 1,3. Essa introdução remete a uma exclamação de louvor encontrada com frequência na LXX, na qual o termo “bendito” (em grego, *eulogetós*) refere-se quase sempre a Deus e é uma tradução do hebraico ברוך (*barukh*). É por causa dessa terminologia e de alguns outros elementos, como apelo doxológico para louvar a Deus, seguidos das razões pelas quais Deus deve ser louvado, conteúdo histórico e benção final, e da forma como esses elementos estão relacionados, que Ef 1,3-14 se configura como uma típica forma de oração judaica chamada *berakah*.⁵

Em hebraico, *berakah*, plural *berakot*, é uma benção dirigida a Deus e recitada em momentos específicos da liturgia sinagoga, principalmente durante a oração pessoal. Fundamentalmente, tratava-se de um ato de recordação, no qual Deus deveria ser louvado pela maneira como havia agido no passado. Esse tipo de oração também é muito frequente nos lares judaicos durante os momentos de refeição. Geralmente é introduzida pela fórmula *Barukh attah Adonai Eloheinu* (bendito sejas tu, Senhor, nosso Deus). A *berakah* é testemunhada muitas vezes no Antigo Testamento, como, por exemplo, em Gn 24,26-7 e Ex 18,9-12.⁶

O texto de Ef 1,3-14 contém uma *berakah* introdutória de extensão considerável. Como compreender mais profundamente o propósito de seu autor? Primeiramente é necessário perceber sua possível estruturação, que pode ser assim delineada:

³ Neste artigo a expressão *Corpus paulinum* significa o conjunto das Cartas atribuídas a Paulo, as consideradas autênticas e as deuteropaulinas.

⁴ Ef 1,3.

⁵ MOODY, J. 1 Peter 1:3-9. In: RODGERS, P. R. (ed.). *1 Peter: A collaborative commentary*. Eugene: Resource, 2017. p. 17.

⁶ BICKERMAN, E. J. Bénédiction et Prière. *Revue Biblique*, Vol. 69, n. 4, 1962, p. 526-527.



- A – Louvor a Deus (1,3)
 B – Cristo antes criação (1,4-6)
 C – *Redenção e Perdão em Cristo* (1,7)
 B' – Cristo recapitula a criação (1,8-10)
 A' – Louvor a Deus (1,11-14)

O autor louva a Deus pela salvação, ou seja, pela redenção e perdão ofertados através de Cristo, conforme o segmento central da estrutura concêntrica mostrada acima.

Três vezes, no v. 3 aparece a raiz grega *eulog* – (εὐλογ-) com o sentido de bendizer, abençoar e benção. O primeiro termo é um adjetivo usado para se referir a Deus, *eulogetós* (bendito), também pode ser traduzido como “louvado” ou “digno de louvor”. O segundo é um participio que descreve Deus como aquele que abençoa. A palavra *eulogésas* (verbo εὐλογέω) refere-se à razão pela qual Deus deve ser louvado/bendito, a saber, porque “nos abençoou”. O terceiro é um substantivo e descreve o tipo de benção (*eulogía*) com a qual os crentes foram abençoados por Deus.

Mas, a que o autor quis se referir com a expressão “benção espiritual”? O termo grego *pneumatikós* (masculino) ou *pneumatiké* (feminino), traduzido por “espiritual”, significa algo que pertence ao espírito ou é determinado pelo espírito; ou o que é espiritual em contraste com o carnal.⁷ O termo significa ainda dons que são forjados espiritualmente. A expressão *pneumatiké pétra* (rocha espiritual) faz referência à fonte de água no deserto, que não pertencia à rocha da qual brotou, não tinha sua origem na criatura e sim no Senhor que a fez brotar da rocha.⁸

Esta noção do termo *pneumatiké* concorda com o que é afirmado logo a seguir: “toda a sorte de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo” (v. 3). O que geralmente é traduzido por “regiões celestiais” é o termo grego *epouránios*. O termo tem o sentido de algo que tem origem e natureza celestial, em oposição ao que é terreno;⁹ significa também algo que está

⁷ 1Cor 9,11; Rm 15,27. Carnal no sentido de material, não no sentido negativo, mas apenas de limitação das criaturas.

⁸ 1Cor 10,4; Dt 8,15; Ex 17,6. CREMER, H. *Supplement to Biblico-theological Lexicon of New Testament Greek*. Edinburgh: T & T Clark, 1886. p. 510.

⁹ 1Cor 15,48.



acima do céu, ou seja, que está para além da morada dos anjos (que são criaturas), no âmbito que pertence somente de Deus.¹⁰

Toda essa terminologia deixa claro que os crentes são destinatários de bênçãos que foram originadas em um âmbito muito além da esfera das criaturas. Essas bênçãos têm sua origem em Deus Pai e foram concedidas através de Jesus Cristo. A partir disso, o autor elucida o motivo do louvor a Deus, elencando cada bênção que foi recebida de Deus através de Cristo.

A primeira bênção listada é a *eleição* (1,4). A iniciativa foi de Deus que, em sua graça, escolher os seres humanos, antes mesmo de criar o mundo, para que estes fossem santos (separados para Deus) e imaculados (*ámomos*, ἄμωμος) “diante dele no amor”. A segunda é a *adoção* (1,5), Deus concede aos seres humanos o *status* pleno de filhos seus. Deus assim predeterminou desde toda eternidade, este é o sentido de *proorízo* (muitas vezes traduzido por “predestinar”).¹¹

A terceira é que os seres humanos são *aceitos* em Cristo (no amado, 1,6). Isto implica no fato de que a totalidade da vida de Jesus foi uma oferta ao Pai, a serviço da redenção do ser humano. Esta oferta se plenificou na morte e glorificação de Jesus. A esta oferta foram associados (aceitos) todos os seres humanos, conforme Rm 5,12-19, passagem pressuposta em todo o hino de Ef 1,3-14.

A quarta bênção, coroação de tudo, centro da estrutura do hino, dá o sentido mais profundo de todas as bênçãos que são elencadas. É a *redenção e o perdão em Cristo* (v. 7). Com isto, o autor do texto canônico pretende inculcar nos leitores implícitos que eles foram agraciados por Deus, sem merecimento nenhum da parte deles, mas unicamente pela vontade do Pai de Jesus Cristo, a quem devem louvar por ter realizado todas essas bênçãos pelos merecimentos do Filho. O Adão terreno não realizou o propósito divino que foi estabelecido anterior à criação, a saber, que fosse imaculado. Mas, por meio do Adão celeste, o perdão e a redenção foram concedidos graciosamente à linhagem do primeiro Adão.

Em paralelo com a terceira, a quinta bênção traz a afirmação de que todos aqueles que foram aceitos em Cristo receberam a sabedoria e

¹⁰ EPOURANIOS. In: *Strong's Concordance online*, [s.d., s.l.]. Disponível em: <https://biblehub.com/greek/2032.htm>. Acesso em: 6 jan. 2023.

¹¹ ÁMOMOS. In: *Strong's Concordance online*. Disponível em: <https://biblehub.com/greek/299.htm>. PROORÍZO. In: *Strong's Concordance online*. Disponível em: <https://biblehub.com/greek/4309.htm>. Acesso em: 6 jan. 2023.



a prudência para *desvendar um mistério* grandioso (1,8). E que mistério é esse? Que o Pai quis recapitular a criação inteira em Cristo, todas as coisas e as da terra e as do céu (1,10).

Os que receberam a adoção filial (segunda bênção) foram tornados *herdeiros* em Cristo (sexta bênção) conforme o propósito do Criador (1,11). Esses herdeiros, que desvendaram o mistério grandioso, não foram todos os seres humanos, mas somente aqueles que “esperam em Cristo” (1,12), os que escutaram a palavra da verdade, que é o evangelho da salvação, “nela tendo crido” (1,13). Nestes se efetivou a eleição divina (primeira bênção) e foram “*selados pelo Espírito da promessa, o Espírito Santo*” (v. 13), sétima bênção. O Espírito Santo “é o penhor da nossa herança”, até que aconteça o resgate completo na plenitude dos tempos.

O hino termina incluindo a ação à Trindade por tudo que Deus realiza em favor do ser humano, antes mesmo da criação e até o fim dos tempos, quando aí, sim, o louvor da glória de Deus será pleno.

2 Louvor ao Pai pela execução de seu propósito salvífico na história

A *berakah* de Ef 1,3-14 é um hino teológico, quer dizer, uma doxologia dirigida a Deus Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (v.3). Esse tipo de oração de louvor já está presente no Antigo Testamento e na liturgia sinagoga. Seu surgimento pode ser datado do final do exílio na Babilônia ou época da repatriação. O exílio ensinou aos judeus a insignificância humana e a grandiosidade das ameaças e promessas de Deus. A impiedade do povo escolhido se igualou em proporção à fidelidade de Deus a seu povo (Ne 9). Essa oração é uma retomada da história de Israel com Deus e pode mostrar a origem da *berakah* na sinagoga.

O texto de Neemias mostra que a *berakah* é realizada em um momento solene de proclamação pública da Torah e confissão dos pecados.¹² Há um convite solene para bendizer a Deus (Ne 9,5a). A oração começa com a expressão costumeira da *berakah* na sinagoga e das orações pessoais e em ambiente familiar: *Barukh Hashem*, “bendito seja o Nome”¹³ em substituição à expressão *Barukh attah Adonai Eloheinu* (bendito sejas tu, Senhor, nosso Deus) para evitar o risco de se pronunciar o tetragrama

¹² Ne 9,1-4.

¹³ Ne 9,5b.



do nome divino. *Barukh Hashem* se tornou a principal expressão judaica de louvor.¹⁴

Conforme aparece em Ne 9,5b-37, a bênção é um reconhecimento do favor divino, de sua fidelidade, ao longo da história. No texto de Neemias, unido ao louvor a Deus, está também o pedido de perdão e um apelo para que Deus continue sendo fiel ao seu povo. Nesse sentido, as bênçãos recebidas no passado levam às petições sobre o futuro as quais eram acrescentadas no final do louvor.

O exemplo mais antigo dessa forma de oração é a bênção de Salomão sobre o povo, composta por um autor Deuteronomista em meados do século VI ou V a.C. (1Rs 8,56). No século IV a.C., o autor Cronista inicia a oração de Davi com estas palavras: “Bendito és tu, Senhor, Deus de Israel, nosso pai, desde sempre e para sempre”.¹⁵ A bênção aqui é simplesmente uma fórmula de doxologia e, pela primeira vez, a bênção é formulada na segunda pessoa ao se dirigir a Deus. Até então era formulada na terceira pessoa. Sem dúvida, a bênção em terceira pessoa não desapareceu por completo, como em Esd 7, 27.¹⁶

A oração de Sara no livro de Tobias, feita em segunda pessoa, parece introduzir um padrão de oração, comum aos judeus da Diáspora, que após uma série de louvores, conclui com uma petição.¹⁷ O mesmo padrão aparece em Tb 8,5b-8; 14b-17. Bendiz-se a Deus por seus benefícios, com uma retomada do seu agir no passado, em seguida, subordinada a isto, vem a oração de intercessão pedindo que Deus aja no futuro.¹⁸

Esse é o padrão que aparece no primeiro capítulo da Carta aos Efésios: a doxologia em 1,3-14, em terceira pessoa, e, subordinada ao louvor, a intercessão em 1,17-23, também em terceira pessoa. A subordinação é marcada pela expressão *dià toúto*, que significa “por isso”, em 1,15.

O texto de Ef 1,3-14 é conhecido como sendo um hino cristológico, mas o seu conteúdo é um louvor inteiramente dirigido a Deus Pai. É uma constatação da gratuidade desse Deus que agiu ao longo da história em favor do ser humano e, por isso, deve ser louvado. O uso da primeira pessoa do plural em relação aos destinatários do favor divino

¹⁴ BICKERMAN, 1962, p. 530.

¹⁵ 1Cr 29,10

¹⁶ BICKERMAN, 1962, p. 531.

¹⁷ Tb 3,11b-15.

¹⁸ BICKERMAN, 1962, p. 531-532.



pode significar não somente os leitores imediatos do texto, mas judeus e gentios, representantes da humanidade inteira. A indicação “antes da fundação do mundo” (v. 4) alude ao Deus criador e (v. 11), portanto, a criatura humana, como um todo, é alvo de todo tipo de bênção espiritual. Obviamente, aqueles que aderiram ao Cristo tornam efetivas certas bênçãos que vêm unicamente por intermédio do Filho de Deus. Não que o Criador faça acepção de pessoas, mas que a redenção acontece naqueles que se permitem redimir, a libertação acontece para aqueles que se deixam libertar. Nenhuma das bênçãos divinas é imposta ao ser humano, é necessário o consentimento, um ato de vontade livre para recebê-las. A expressão “conforme o beneplácito de sua vontade” (v. 5) supõe a liberdade do sujeito divino que dá as bênçãos e a eleição e pressupõe um sujeito livre que as acolhe.

A expressão “conforme o beneplácito de sua vontade” ou apenas “conforme o seu beneplácito”,¹⁹ significa o propósito eterno de Deus, sua iniciativa e gratuidade. O hino mostra que existe um propósito firmado pelo Criador de todas as coisas, além disso, o texto delinea os procedimentos e o agir divino para a realização daquilo que foi planejado desde toda a eternidade. O agir divino desenrolou-se ao longo da história, teve como mediador fundamental o Cristo e será plenificado pelo Espírito Santo, cujo selo é um penhor em vista da plenitude que será realizada.²⁰

O agir de Deus na história não é algo que acontece casualmente, mas algo sabiamente planejado e executado. Nessa execução o papel de Cristo é fundamental e a adesão livre dos crentes ao Cristo é pressuposta desde o início do planejamento. O vocabulário da Carta, para argumentar isto, é singular, contém uma série de palavras e frases de significado de longo alcance no idioma grego e dentro do contexto argumentativo. Entre estas estão os termos *eudokía* (1,5.9), *boulé* (1,11) e *próthesis* (3,11), geralmente traduzidos por “propósito”. Associado a estes está o termo *thélema* (1,5.11), “vontade”.

A palavra *eudokía* significa “pensar bem”, “ser favorável a”, “ser bom para”, “ter prazer em”, “estar disposto a”. Ela aparece nove vezes no Novo Testamento e denota um livre arbítrio, uma vontade cuja intenção é algo bom, uma benevolência, expressas pelo prefixo *εὖ*. Na versão grega do Antigo Testamento, muitas vezes expressa as intenções ou desejos

¹⁹ Ef 1,5 e 1,9 respectivamente.

²⁰ Ef 1,13-14.



benevolentes de Deus relativos à salvação de Israel. Em Ef 1,5 serve mais exatamente para caracterizar *thélema*. O termo aparece duas vezes nos sinóticos. Na *Quelle*, o termo está presente na oração de Jesus, quando exulta de alegria e louva ao Pai porque oculta as coisas aos sábios e as revela aos pequeninos: “porque assim é do teu agrado (*eudokía*)”.²¹ Também está presente no relato lucano da infância de Jesus, no louvor dos anjos: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra entre os homens, por ele amados (*eudokía*)” (Lc 2,14). Além desses textos evangélicos e de Ef 1,5.9, o termo também aparece em Fl 2,13 com o mesmo sentido de propósito benevolente de Deus.²²

A palavra *thélema* denota, primeiramente, “vontade”, “desejo”. É usada para dizer o “desejo” humano, a “vontade” real, e a “obstinação”. Quando o termo se refere à vontade de Deus, significa sua disposição em favorecer alguém. No Novo Testamento é muito mais frequente que na LXX e nos apócrifos e, como regra, representa, geralmente, a vontade de Deus, com poucas exceções. Jesus cumpre a vontade do Pai (Jo 4,34), executando-a e, por causa disso, ensina que seus discípulos devem cumpri-la também. “A terceira petição da Oração do Senhor expressa um consentimento com a vontade de Deus, que Cristo exemplifica em Mt 26.42”.²³ Em Ef 1,5, a vontade de Deus está relacionada à sua *eudokía* e *boulé* e, em 1,9, ela é um mistério que foi desvendado por aqueles que aderiram a Cristo.

Nos demais textos, *boulé* e *thélema* são frequentemente sinônimos, como em 1Cor 4,5. O vocábulo *boulé* significa “vontade”, “projeto”, “intenção”, “decreto” ou “objetivo”, como resultado da reflexão. Igualmente denota assembleia ou conselho, pois implica em deliberação. *Boulé* é usado para denotar o decreto divino que está na base da história da redenção, como em Lc 23,51; At 2,23; 4,28; 5,38; 13,36 e 27,42, distinto de *thélema* que representa o comando e a execução da vontade de Deus. *Boulé* refere-se apenas ao seu propósito salvador. Mesmo na LXX e nos livros apócrifos, *boulé* não é usado para a *execução* da vontade de Deus. Portanto, em Ef 1,11, há que distinguir entre os dois conceitos: *thélema* significa a vontade na ação; e *boulé*, a resolução, a deliberação, a decisão. A tradução mais apropriada, então, seria “de acordo com a decisão ou plano de sua vontade”. Dessa forma, não apenas se daria destaque

²¹ Mt 11,26; Lc 10,21.

²² CREMER, 1886, p. 214-215.

²³ CREMER, 1886, p. 354.



à liberdade absoluta da vontade divina, mas chamaria a atenção para o desígnio salvífico que está na base da vontade salvífica, tal como ela se manifesta.

O termo *próthesis* tem o sentido de “objetivo”, de uma proposta previamente colocada diante de alguém, de uma definição antecipada a respeito de um propósito específico, exposição pública de um plano.²⁴

Em síntese, o hino de Ef 1,3-14 serve como convite para bendizer a Deus por sua vontade soberana e seu plano salvífico, repetidamente enfatizados com uma variedade de expressões diferentes: “ele nos escolheu antes da fundação do mundo” (1,4); “fomos feitos sua herança” (ou eleitos 1,11); “nos predestinou”, “somos predestinados” (1,5.11); “segundo o beneplácito” (1,5.9) “de sua vontade” (1,5. 9.11), “revelando para nós” (1,9), “o mistério de sua vontade” (1,9); “conforme sua graça”, “sua vontade” ou “seu plano” (1,7.9.11) e de “sua resolução” (1,11).

3 A Cristologia de Ef 1,3-14

Pelo exposto acima fica claro que o hino de Ef 1,3-14 é uma *berakah*, dirigida a Deus Pai. Portanto, considerando o sujeito a quem as palavras são direcionadas, o hino não se pode ser classificado como um hino cristológico propriamente dito. O Deus a quem é louvado é o “Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (v. 3). E é por meio de Jesus que o Pai realiza seu plano salvífico, cuja resolução é anterior à criação. A vontade de Deus no Novo Testamento se refere sempre ao seu plano para salvar a humanidade, e a salvação é realizada no mistério de Cristo, sua vida, morte e exaltação. Na *berakah* da Carta aos Efésios aparecem os termos em (ἐν) Cristo, *conforme* (κατά) a vontade divina, *para o* (eis, εἰς) louvor da glória de Deus.

Expressões com o uso da preposição “em” (*en*, ἐν) relacionada a Cristo, aparecem onze vezes no hino:

- em Cristo – *en (tō) Christō* (1,3.10.12)
- no Amado – *en tō egapeméno* (1,6)
- no qual – *en hō* (1,7.11.13a.13b)
- nele – *en autō* (1, 4.9.10)

²⁴ CREMER, 1886, p. 553-554.



A preposição *en* exige o dativo depois dela e denota uma posição no interior de um todo; dentro dos limites de algum espaço. É usada em frases nas quais se diz que algo habita nos indivíduos, como por exemplo, o coração; ou para aquilo com o qual uma pessoa está cercada ou equipada. Equivale a “entre” quando é usada com substantivos coletivos. Diz-se daquilo que alguém leva ou traz consigo. Também é usada para indicar o instrumento ou meio pelo qual, ou com o qual, algo é realizado, devido à influência da preposição hebraica ׀; (Be) nos textos do Novo Testamento.²⁵ Essa última acepção do termo é, provavelmente aquela que é usada no hino de Ef 1,3-14. Além disso, a expressão *en Christô* sugere uma forte experiência relacional que os crentes têm com Cristo.

Além disso, o texto também traz a expressão “através de Jesus Cristo”, *diá Iesou Christou* (v. 5). A preposição *diá* é usada com genitivo e acusativo e supõe uma divisão de algo em duas ou mais partes para as quais serve como ponte ou faz um encadeamento. Implica um movimento em todos os sentidos em um espaço ou tempo. Designa o instrumento ou da causa eficiente para a realização de uma ação. Seus significados mais comuns são “através”, “por meio”. Em relação a instrumento utilizado para realizar uma coisa, ou a causa instrumental em sentido estrito, diz-se da pessoa pela qual uma ação é realizada, ou com a ajuda de quem uma intervenção foi feita.²⁶ O modo como a preposição é usada em Ef 1,5 parece querer denotar o mérito, a colaboração, o auxílio de Jesus Cristo na execução do plano divino para a salvação da humanidade.

O plano do Pai é a redenção da humanidade, este é o centro da estrutura literária do hino. Esse plano envolvia fazer de Cristo o meio de efetivar a salvação e o ponto de conexão do ser humano com Deus (v. 10). O hino enfatiza isso com a repetida ênfase da expressão “em Cristo”. As pessoas se envolveram em transgressões contra Deus (v. 7) das quais precisam de perdão. Essa transgressão atingiu a criação, que precisa ser trazida de volta para o senhorio de Deus (v. 10). A compreensão da situação pecaminosa da humanidade agora redimida, está no centro da pregação paulina e do querigma cristão primitivo e, dessa forma, estabelece que a morte de Cristo na cruz (seu sangue, 1,7) foi aceita pelo Pai como oferta pela reconciliação da humanidade com Deus.

²⁵ EN. In: *Strong's Concordance online*. Disponível em: <https://biblehub.com/greek/1722.htm>. Acesso em: 6 jan. 2023.

²⁶ DIÁ. In: *Strong's Concordance online*. Disponível em: <https://biblehub.com/greek/1223.htm>. Acesso em: 6 jan. 2023.



Ao mencionar a “redenção”²⁷ o texto pressupõe que as pessoas caíram em escravidão. Redenção implica sempre um preço a pagar pela liberdade. O autor bíblico usa a palavra *apolytrosis* (v. 7 e 14), traduzida por “redenção” ou “resgate”, que significa uma liberação obtida através de pagamento. O termo *apolytrosis* é formado por um antigo verbo grego, *lytroo* que tem o sentido de libertar mediante o recebimento de um pagamento. O substantivo *lytron* denota o dinheiro para comprar alforria dos escravos ou o preço do resgate da liberdade de alguém que tivesse caído em cativeiro.²⁸

Isso implica que as bênçãos não vêm apenas de um decreto divino, elas também são consequências de eventos históricos, da doação da vida de Cristo, incluindo sua morte terrível numa cruz. Jesus não nos redime somente por sua vida sem pecado ou seu exemplo moral, mas pelas consequências que seu estilo de vida trouxe para ele, a saber, o derramamento de seu sangue. Não foi o sangue físico de Jesus que salvou ninguém, mas seu modo de viver que culminou na cruz, é assim que se deve entender os textos do Novo Testamento quando mencionam o sangue de Jesus.

Mas a redenção concedida à humanidade através da oferta de Cristo não implica na necessidade de que morresse na cruz. A redenção e o perdão que foram dados à humanidade vêm de acordo com a medida das riquezas, da abundância, da graça divina (v. 7). A redenção e o perdão constituem a resposta de Deus à violência que os seres humanos praticaram com Jesus. Não foi um “toma lá, dá cá”, Deus esbanjou redenção e perdão para pecadores culpados pela morte de seu filho, adotando-os como filhos seus (v. 5), para os libertar do pecado, tornando-os santos e imaculados (v. 4).

É por meio do mistério de Cristo que o grande plano de Deus, antes oculto, agora é revelado. Isso também reflete uma estratégia de ação. O plano integral consiste em reunir a criação inteira no Cristo (v. 10), isso acontecerá na plenitude dos tempos. Enquanto se espera a realização total do plano, há uma garantia, um penhor “até ao resgate da sua propriedade”, que é o selo do Espírito Santo nos crentes (v. 14). A palavra *ἀνακεφαλαίω* tem o sentido de “unir” ou “resumir”. A ideia

²⁷ 1,7.14.

²⁸ LUTRON/LUTROO. In: *Strong's Concordance online*. Disponível em: <https://biblehub.com/greek/3083.htm>. Acesso em: 6 jan. 2023.



é que Deus fará no final todas as coisas “se unificarem”, “se reunirem”. E o processo que resultará nisso já teve seu início.²⁹

Três aspectos do mistério ficam claros para os crentes: a resolução de Deus antes da criação, a execução da vontade divina ao longo da história, com seu ponto capitular “em Cristo”, e o resultado definitivo na plenitude dos tempos (*pléroma*, v. 10).

Mas, tudo isso, não exclui a cooperação humana. Os crentes ouviram a “palavra da verdade”, creram e foram selados com o Espírito Santo (v. 13). O Papel do Espírito é marcar os crentes como pertencentes a Deus e assegurando-lhes o futuro com o Senhor. E, da mesma forma que o hino havia iniciado louvando Deus Pai, termina com uma menção ao Espírito Santo.

Em suma, o louvor é dirigido a Deus Pai, pelas bênçãos concedidas à humanidade, bênção que fazem parte da efetivação de uma resolução definida antes da criação do mundo. Mas Cristo é a figura central desse plano, ele assegura a redenção e se torna a ponte para o relacionamento que os redimidos têm com Deus.

Há, portanto, um forte caráter trinitário no hino, com o Pai como o principal planejador e iniciador da redenção, Cristo como a figura central do plano, e o Espírito como o penhor da redenção plena.

Conclusão

Numerosos gentios haviam se tornado cristãos e afluíram às comunidades da Ásia Menor e trouxeram consigo um histórico de adoração a uma série de divindades dentro do império romano. Haviam praticado magia e uma variedade de ritos, consultaram os astros, observaram preságios e se preocuparam com as implicações do destino em suas vidas.

Em um contexto no qual as pessoas buscavam ajuda e inspiração em uma variedade de seres espirituais, o hino de Ef 1,3-14 tornou-se um instrumento capaz de ajudar os novos crentes gentios no processo de transformar sua visão de mundo de uma perspectiva pagã para uma visão mais unitária do agir de Deus.

²⁹ ANAKEPHALAIÓÓ. In: *Strong's Concordance online*. Disponível em: <https://biblehub.com/greek/346.htm>. Acesso em: 6 jan. 2023.



Há um só Deus que está desenvolvendo soberanamente seu plano para toda a criação, um plano de redenção para a humanidade. Por trás do hino de louvor está a convicção compartilhada por todo o judaísmo e o cristianismo primitivo de que há um Deus verdadeiro que se revelou a Israel e é soberano sobre toda a história. Há um Deus soberano que merece toda a adoração.

O futuro da criação está ligado à vontade desse único e verdadeiro Deus, que escolheu a humanidade inteira antes mesmo que o mundo fosse criado. A parcela da humanidade que respondeu a essa eleição é aquela constituída pelo seguimento a Jesus Cristo. Este foram planejados, amados, escolhidos, buscados e incluídos por Deus em seu plano de redenção.

A motivação para a eleição é o amor de Deus (1,4c. 6b), isto está claro em expressões como seu “beneplácito” (1,5d), o “propósito de sua vontade” (1,11d) e a resolução de constituir pessoas “para si” (1,5c). Portanto, o hino encoraja os corações a verem não apenas a soberania de Deus, mas também seu extraordinário amor pelo ser humano. Essas verdades devem levar os crentes a louvar a Deus e a agradecê-lo por sua indescritível bondade ao derramar sua graça no ser humano. A vontade divina é a fonte, a base e a norma de toda a obra da salvação.

Os aspectos literários do hino apontam para uma possível situação histórica de uma tensão subjacente entre as comunidades cristãs judaicas e gentias na Ásia Menor ocidental durante o primeiro século da era comum. Se a carta data de um período inicial da proclamação da boa-nova aos gentios ou de um período deutero-paulino, os estudiosos não estão de acordo, mas é certo que se revela como subjacente ao texto de Ef 1,3-14 uma exigência básica em se firmar uma identidade entre judeus e gentios no interior das comunidades cristãs. Tensões entre judeus e gentios foram se intensificando até o surgimento da revolta judaica contra o império (66-70 d.C.), que gradualmente levou a uma ruptura entre a sinagoga e as comunidades cristãs. O hino é um convite para, no louvor a Deus, resolver essas tensões a partir da união de todas as coisas em Cristo.

Referências

BIBLE WORKS, LCC. *BibleWorks*. Versão 10.0.4.114. Norfolk: BibleWorks, 2015.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.



BÍBLIA NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

BICKERMAN, E. J. Bénédiction et Prière. *Revue Biblique*, Vol. 69, n. 4, 1962, p. 524-532.

CREMER, H. *Supplement to Biblico-theological Lexicon of New Testament Greek*. Edinburgh: T & T Clark, 1886.

MARTIN, R. P. New Testament hymns: Background and development. *The Expository Times*, vol. 94, n. 5, 1983, p. 132-136. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epdf/10.1177/001452468309400502>. Acesso em: 3 jan. 2023.

MOODY, J. 1 Peter 1:3-9. In: RODGERS, P. R. (ed.). *1 Peter: A collaborative commentary*. Eugene: Resource, 2017. p. 16-24.

SANDERS, J. T. Hymnic elements in Ephesians 1-3. *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft*, vol. 56, n. 3-4, 1965, p. 214-232.

STRONG'S Concordance online, [s.d., s.l.]. Disponível em: <https://biblehub.com/greek/>. Acesso em: 6 jan. 2023.